



# EM migração EM português

Exílios, retornos, colonizações

---

**Elsa Lechner**

**Graça Capinha**

**Maria Clara Keating**

**ORGS.**

  
ALMEDINA

 **ces** **Centro de Estudos Sociais**  
Universidade de Coimbra





EM migração  
EM português

## EM MIGRAÇÃO EM PORTUGUÊS: EXÍLIOS, RETORNOS, COLONIZAÇÕES

ORGANIZADORAS

Elsa Lechner, Graça Capinha, Maria Clara Keating

© Elsa Lechner, Graça Capinha, Maria Clara Keating, CES e Edições Almedina, 2020

Todos os direitos reservados

EDITOR

EDIÇÕES ALMEDINA, S. A.

Rua Fernandes Tomás, nºs 76-80, 3000-167 Coimbra

Tel.: 239 851 904 · Fax: 239 851 901

www.almedina.net • editora@almedina.net

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS, Universidade de Coimbra

Colégio de S. Jerónimo, Apartado 3087, 3000-995 Coimbra, Portugal

Tel.: +351 239 855 570 • Fax: +351 239 855 589

www.ces.uc.pt • ces@ces.uc.pt

REVISÃO

Inês Castelhana

DESIGN DE CAPA

XXXXXXXXXX

IMAGEM DA CAPA

XXXXXXXXXX

PAGINAÇÃO

João Jegundo

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

XXXXXX/XX

1.ª edição: março, 2020

DEPÓSITO LEGAL

XXXXXX/XX

Este livro resulta do trabalho desenvolvido no âmbito do projeto «Na Ponta da Língua: Histórias, Memórias e Inovação na Emigração», financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian.

As opiniões e os dados inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) autor(es).

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou outro qualquer processo, sem prévia autorização escrita do Editor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infrator.



GRUPOALMEDINA

---

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

EM MIGRAÇÃO EM PORTUGUÊS

EM migração EM português: Exílios, Retornos, Colonizações / org. Elsa Lechner,  
Graça Capinha, Maria Clara Keating. – (CES)  
ISBN 978-972-40-8069-7

I – LECHNER, Elsa, 1968-

II – CAPINHA, Graça, 1959-

III – KEATING, Maria Clara, 1964-

CDU 314

# EM migração EM português

Exílios, retornos, colonizações

---

**Elsa Lechner**

**Graça Capinha**

**Maria Clara Keating**

**ORGS.**

*A Coleção CES/Almedina é o instrumento mais visível da produção científica atualmente desenvolvida no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.*

*Procura espelhar a atualidade e a interdisciplinaridade dos debates nas Ciências Sociais e Humanas que marcam a investigação aqui realizada.*

*Disseminar o trabalho de investigação e contribuir para a reflexão científica em curso constituem-se como os seus dois objetivos principais – sempre a partir de perspetivas históricas, culturais, políticas e sociológicas diversas, que não temam abraçar os novos desafios epistemológicos em emergência, sendo exemplo os diálogos com o Sul e desde o Sul.*

*A parceria que está na origem da Coleção procura potenciar as vantagens que resultam do encontro entre a produção científica realizada no CES – enquanto unidade de investigação de excelência reconhecida internacionalmente – e o prestígio das Edições Almedina.*

*Todos os manuscritos submetidos à Coleção CES/Almedina passam por um rigoroso processo de revisão por pares, em sistema de double-blind peer review.*

**Comissão Editorial da Coleção CES/Almedina** – Maria Paula Meneses (Diretora), Catarina Martins, Daniela Nascimento, Graça Capinha, Fernando Fontes, João Arriscado Nunes, João Paulo Dias, José António Bandeirinha, Marta Araújo, Nancy Duxbury, Pedro Hespanha.

*Mais informações em [www.ces.uc.pt/pt/publicacoes/ces-almedina](http://www.ces.uc.pt/pt/publicacoes/ces-almedina)*

# Índice

AGRADECIMENTOS..... 11

INTRODUÇÃO..... 13

*Elsa Lechner, Graça Capinha e Maria Clara Keating*

## PRIMEIRA PARTE

### IDENTIDADE E MEMÓRIA — QUOTIDIANOS

CAPÍTULO 1 — ENTRE LÁ E CÁ: MIGRAÇÃO, OBJETOS  
E MEMÓRIAS ..... 25

*Liliana Azevedo*

CAPÍTULO 2 — EUSÉBIO, AS RUTURAS BIOGRÁFICAS  
NA INUSITADA VIDA DE UM FUTEBOLISTA MIGRANTE ..... 47

*Carlos Nolasco*

CAPÍTULO 3 — O EU, O CORPO, A PALAVRA. IDENTIDADE,  
POSSE E PERTENÇA NO *CADERNO DE MEMÓRIAS COLONIAIS*,  
DE ISABELA FIGUEIREDO ..... 69

*Marie Claire de Mattia*

CAPÍTULO 4 — SER OU NÃO SER, EIS A QUESTÃO. O DRAMA  
DOS EXILADOS POLÍTICOS EM FRANÇA E A OCUPAÇÃO DA CASA  
DOS ESTUDANTES PORTUGUESES EM PARIS NO MAIO DE 68..... 89

*Jacinto Godinho*



SEGUNDA PARTE  
IDENTIDADE E IMAGINÁRIOS — LÍNGUA E LITERATURA

CAPÍTULO 5 — MEMÓRIAS E IMAGENS LITERÁRIAS DA EMIGRAÇÃO PORTUGUESA PARA O BRASIL .....	105
<i>Mario Luis Grangeia</i>	
CAPÍTULO 6 — MIGUÉIS, GABRIEL E OS OUTROS — O PONTO DE VISTA DA DISTÂNCIA.....	129
<i>Cátia Sever</i>	
CAPÍTULO 7 — QUANDO A VARIANTE É O QUE IMPORTA: REFLEXÕES PARTILHADAS SOBRE OS USOS E OS SENTIDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA EM BOSTON (MASSACHUSETTS, USA) ....	139
<i>Giuseppe Formato, Graça Índias Cordeiro</i>	
CAPÍTULO 8 — ILSE LIEBLICH LOSA — EXEMPLO DE «EXOFONIA» NA LITERATURA PORTUGUESA .....	163
<i>Rosa Churcher Clarke</i>	
CAPÍTULO 9 — AUTOBIOGRAFIAS LUSO-AMERICANAS DA EMIGRAÇÃO: A HISTÓRIA DELA <i>VERSUS</i> A HISTÓRIA DELE.....	175
<i>Reinaldo Francisco Silva</i>	

TERCEIRA PARTE  
IDENTIDADE E PERFORMATIVIDADES — ARTES

CAPÍTULO 10 — MIGRAÇÕES PORTUGUESAS PARA O BRASIL E RECORDAÇÕES FOTOGRÁFICAS: A REPRESENTAÇÃO DE ETAPAS DE VIDA.....	211
<i>Ana Gandum</i>	
CAPÍTULO 11 — ACORDES FILARMÔNICOS NA GUANABARA — MEMÓRIAS E NARRATIVAS DAS BANDAS PORTUGUESAS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO .....	229
<i>Antônio Henrique Seixas de Oliveira</i>	

ÍNDICE

CAPÍTULO 12 — AS CASAS DE BRASILEIROS: ESPAÇOS BIOGRÁFICOS DA EMIGRAÇÃO E DA CULTURA DO INÍCIO DO SÉCULO XX .....	253
<i>Alda Neto</i>	
CAPÍTULO 13 — <i>GANHAR A VIDA</i> , DE JOÃO CANIJO: ENTRE PERDAS E GANHOS, DE CIDÁLIA A ANTÍGONA .....	275
<i>José Manuel Esteves</i>	
POEMA — FOGO NO BUÇACO (AS LEMBRANÇAS DOS PEREGRINOS) .....	285
<i>Paula Neves</i>	
COLABORARAM NESTA OBRA .....	289



## CAPÍTULO 2

# EUSÉBIO, AS RUTURAS BIOGRÁFICAS NA INUSITADA VIDA DE UM FUTEBOLISTA MIGRANTE<sup>1</sup>

*Carlos Nolasco*

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

O futebol é abundante em histórias de vida. Por virtude de exacerbadas paixões identitárias, a encenação dramática do jogo permite que jogadores virtuosos, ou que foram capazes de atos desportivos relevantes, se convertam em heróis. A vida desses jogadores é então narrada de forma superlativa e apologética, exaltando-se a sua capacidade desportiva, a dimensão heroica dos seus feitos, a plasticidade dos seus gestos, a sua capacidade de superação e a aura de campeões. Celebrados com hipérboles, «os heróis da bola estão para lá da bitola comum: têm a ambiguidade de todos os heróis, serem semi-humanos e semidivinos, instalados num mundo à parte, onde tudo é enorme e exemplar» (Osório, 2000: 31).<sup>2</sup> A comunicação social encarrega-se de promover essas vidas para lá do quotidiano comum, numa narrativa estruturada em torno dos desempenhos desportivos e do voyeurismo das vidas privadas. Além de sabermos como correm, fintam e rematam,

---

<sup>1</sup> Texto realizado no âmbito do projeto de pós-doutoramento na área das Migrações de Trabalho Desportivo, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (referência SFRH/BPD/95320/2013).

<sup>2</sup> Artigo inicialmente publicado em 1964, na revista *Seara Nova*. Esta referência de 1964 é relevante, na medida em que mostra que o fenómeno da mediatização dos jogadores de futebol não é um fenómeno recente, sendo relativamente coincidente com o processo de profissionalização dos jogadores, ocorrido em Portugal a partir da década de 1950.

passamos também a conhecer os seus familiares, a sua vida amorosa, as suas paixões, a sua personalidade, o que auferem, onde gastam o dinheiro, onde passam férias, entre outros pormenores. Estamos a par das suas histórias, algumas das quais extraordinárias pelas contingências vividas, outras banais, reduzidas apenas à dimensão simbólica conseguida pelo futebol. Quando atingem o estatuto de ídolos, as histórias de vida desses jogadores são publicadas sob a forma de livro, muitas das vezes autobiográfico<sup>3</sup>, numa narrativa tendencialmente meritocrática de emancipação, relativamente às suas origens sociais, e de exaltação dos feitos futebolísticos. As autobiografias de Pelé (2016) e de Maradona (2016), dois dos mais importantes futebolistas de todos os tempos, são disso exemplo. Além dos percursos e dos desempenhos desportivos de cada um, conta-se uma história encantada de meninos pobres que, através dos seus méritos, ganharam a glória para o país, conquistaram o mundo e tornaram-se heróis desportivos globais. Essas narrativas, feitas à medida de cada jogador, umas mais banais, outras de glorificação meritocrática, são de extrema importância para o futebol, pois sem elas não há heróis (Reis, 2013: 64).

Apesar da abundância de narrativas biográficas de futebolistas, estas raramente são tidos em conta quando se recorre ao método biográfico para estudar uma dinâmica social ou o período histórico, pelo menos fora do âmbito dos estudos do desporto. Esta situação pode resultar do não interesse sobre vidas mediatizadas pela comunicação social, convertidas em produto de cultura de massas e consumidas de forma acrítica. Ou, então, de um preconceito epistemológico de menosprezo pelo desporto, concebido como fenómeno social simples, situado fora da vida corrente e sem outro valor que não a relevância que os seus protagonistas lhe dão. Consequentemente, apenas no âmbito dos estudos sociais do desporto surgem referências às histórias de vida de atletas enquanto estratégia metodológica de conhecimento, quase sempre incidindo no fenómeno desportivo e não, em outras dinâmicas sociais.

Neste texto, aborda-se uma dessas extraordinárias histórias de vida em que o futebol é pródigo: Eusébio da Silva Ferreira, alcunhado *Pantera Negra* ou, simplesmente, *King*. A pertinência da história de vida de Eusébio, para

---

<sup>3</sup> Em muitos dos casos, os jogadores não têm competências literárias para escreverem as próprias biografias, sendo esse trabalho encomendado e redigido por outrem com base nos relatos orais dos protagonistas.

lá da dimensão desportiva, reside no percurso inusitado da sua vida, na sua diáspora pessoal, em que, através de uma sucessão de processos migratórios, se obtém uma narrativa ampla do contexto social e político em que a sua vida aconteceu. A relevância de Eusébio neste texto prende-se com o facto de esta personalidade ter sido migrante em diversos processos de mobilidade: interna, colonial e internacional.

À consideração de Eusébio como migrante levantam-se duas contestações. A primeira prende-se com o facto de Eusébio ser originário de uma colónia portuguesa, na vigência de um sistema colonial e, conseqüentemente, a sua transferência para Portugal não ser considerada uma migração, mas somente uma mobilidade dentro do amplo espaço das províncias ultramarinas que constituíam o país. Em 1966, durante a fase final do Campeonato do Mundo de Futebol, esse argumento foi questionado pela imprensa internacional, criticando Portugal pelo facto de um número significativo de jogadores que representavam a seleção nacional serem originários das colónias. A segunda contestação tem que ver com o facto de a mobilidade internacional dos jogadores de futebol não ser percecionada como migratória. Ou seja, sendo migrantes, raramente são designados como tal, havendo como que um encobrimento ou desconhecimento da sua condição (Maguire e Pearton, 2000: 175). São vários os factos que contribuem para essa circunstância, desde logo, a forma como socialmente são percebidos, o facto de não se lhes aplicarem os mesmos estereótipos que caracterizam a generalidade dos migrantes, as circunstâncias em que desempenham a sua atividade profissional e, ainda, a expressão quantitativa que têm na totalidade dos fluxos migratórios. Não sendo percecionados como migrantes, os futebolistas em mobilidade internacional são designados como estrangeiros, facto que não impede que sejam efetivamente migrantes (Nolasco, 2013: 75).

Com este texto pretende-se assinalar a história de vida de um herói inusitado, que, através de *ruturas biográficas*, ultrapassou sucessivas *linhas abissais*, representando o seu corpo um recurso ideológico das políticas do império e, posteriormente, um corpo apropriado pela lógica mercantilista do *soccer*<sup>4</sup> norte-americano. Percecionado como uma personalidade simples, plana e unidimensional, sem relevância que não aquela que o mundo do futebol lhe conferiu, Eusébio é, contudo, produto de múltiplas circunstâncias

---

<sup>4</sup> Termo utilizado na América do Norte para designar futebol.

políticas e sociais, sendo a sua história de vida relevante pela forma como reflete todos esses contextos: africano num país colonialista, em tempos de guerra colonial e num regime político fascista.

### **Eusébio, entre *ruturas biográficas e linhas abissais***

Eusébio da Silva Ferreira foi, durante décadas, considerado, de forma incontestada, o melhor futebolista português de todos os tempos e um dos melhores do mundo<sup>5</sup>. Tinha 71 anos quando faleceu, na madrugada do dia 5 de janeiro de 2014. O último jogo oficial em que participara ocorrera 34 anos antes, na longínqua época de 1979/80, ao serviço dos Buffalo Stallions, na liga *indoor* do *soccer* norte-americano. A sua glória fora gerada anos antes quando, em dezembro de 1960, chegara a Lisboa para ingressar como profissional no Sport Lisboa e Benfica e, passados alguns meses, quando se tornara internacional pela Seleção Portuguesa. Chegava a Lisboa, à capital do império, proveniente do Sporting de Lourenço Marques, clube da colónia moçambicana e filial da sua congénere na metrópole. No entanto, as origens de Eusébio não eram as do clube do centro de Lourenço Marques, mas sim, as do modesto bairro de Mafalala, na periferia da cidade.

A narrativa em torno de Eusébio é relativamente fácil de ser contada. O jornal *Expresso*, no fim de semana após o falecimento do jogador, de forma breve, resumia a sua vida:

Era uma vez a história de um miúdo pobre e humilde, nascido num bairro também pobre e humilde de Moçambique, e que aterrou em Lisboa numa noite fria de dezembro de 1960 para enriquecer e aquecer um país e um clube<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Segundo a Federação Internacional de História e Estatísticas do Futebol, Eusébio foi o nono melhor futebolista do século xx [disponível em <https://iffhs.de/iffhs-history-te-worlde-best-player-of-the-century-1900-2000>, acedido em 06.12.2017]. De acordo com o voto online de adeptos, Eusébio foi o terceiro melhor jogador do século xx. A supremacia de Eusébio no futebol português só começa a ser questionada com a emergência de Cristiano Ronaldo, o qual tem superado os resultados futebolísticos, não apenas de Eusébio, mas do futebol mundial.

<sup>6</sup> Jornal *Expresso*, 11 de janeiro de 2014.

Assim narrada, a vida de Eusébio parece uma história encantada de um «miúdo pobre» que veio de longe, de um «bairro» de «Moçambique», e que «aterrou» de forma inesperada em Lisboa, no clima agreste de uma «noite fria» para, de forma quase messiânica, «aquecer um país e um clube». Esta narrativa remonta aos primeiros anos de Eusébio em Portugal, sendo repetida à exaustão. Em 1966, é publicado o livro *Meu nome é Eusébio. Autobiografia do maior futebolista do mundo*<sup>7</sup>. Como o próprio afirma então à revista *Flama*:

no livro revelo tudo [...]. Os anos das dificuldades, quando vivia com a minha mãe e os meus irmãos em Lourenço Marques. Os anos da bola de trapos e dos «timinhos» da escola, finalmente a minha ascensão a profissional e a vinda para a Metrópole<sup>8</sup>.

Essa autobiografia vai constituir-se como modelo de todas as narrativas biográficas que se lhe sucederam. O filme/documentário *Eusébio — A pantera negra*, realizado pelo espanhol Juan de Orduña, em 1973, é disso um exemplo, contando a vida do jogador desde a infância em Moçambique até à sua consagração<sup>9</sup>. O mesmo relato é feito em 1992, num álbum de banda desenhada, da autoria de Eugénio da Silva, intitulado *Eusébio, Pantera Negra*. Os elementos narrativos destas biografias, ainda que com variações, são sempre os mesmos: o menino pobre do bairro de Mafalala; o jovem jogador, que chega a Lisboa assediado por clubes que o disputam; a sua opção pelo Benfica, como se de uma opção moral se tratasse; o jovem africano, que se revela o maior de todos os jogadores; a personalidade simples não subvertida pela glória; a sua permanência no Benfica; as lágrimas pela seleção; o calvário das múltiplas operações ao joelho; a emigração para o *soccer* norte-americano. Repetidos à exaustão, estes episódios continuam a

<sup>7</sup> Apesar de a autoria do livro ser assumida por Eusébio, terá sido o jornalista Fernando F. Garcia quem o terá escrito, a partir de pretensas conversas com o jogador. O livro seria publicado no ano seguinte em língua inglesa e língua alemã.

<sup>8</sup> Revista *Flama*, 28 de outubro de 1966.

<sup>9</sup> Filme rodado entre outubro de 1971 e agosto de 1972, conjuga imagens de arquivo com recriações. Tem a particularidade de contar com as participações de Eusébio e da sua mulher, Flora, a protagonizarem a sua própria história.



constituir argumento em obras recentes sobre o jogador<sup>10</sup>, «produto de uma memória que se atualiza para, eventualmente, ganhar nova significação» (Santos, 2004: 86).

O consenso em torno desta narrativa revela-se acrítico. Realça o mérito de alguém que, tendo nascido pobre, conseguiu tornar-se um dos mais importantes futebolistas de todos os tempos. No entanto, parece ignorar o facto de que, tendo nascido pobre, nasceu também negro, num bairro dos subúrbios de uma cidade colonizada, numa sociedade discriminatória, assente legalmente na diferenciação entre «civilizados» e «indígenas», e que se transferiu para um país de regime fascista, convertendo-se num dos maiores símbolos da cultura popular nacional. Cada uma destas transferências significou a transposição de sucessivas *linhas abissais*: inicialmente, entre «indígena» e «assimilado», depois, entre colónia e metrópole, e entre metrópole e a universalização resultante do reconhecimento internacional. Ainda que com intensidades distintas, cada uma destas transposições significou uma *rutura biográfica* num destino previsível.

Antes de continuar, importa neste texto esclarecer os conceitos de *linha abissal* e de *rutura biográfica*. *Linha abissal* é um conceito de Boaventura de Sousa Santos (2007: 3), interpretado como uma linha radical resultante da dual cartografia moderna, simultaneamente jurídica e epistemológica, que divide a realidade em dois universos distintos: o «lado de cá» e o «lado de lá». No «lado de cá», equivalente, *grosso modo*, ao norte global, está a ordem, o controlo, a estabilidade, a racionalidade, a liberdade, o direito, a democracia e todos os seus derivados económicos, políticos e culturais. No «lado de lá», no sul global, nada existe, há apenas um espaço de abandono caótico, violento e irracional. «A divisão é tal que “o outro lado da linha” desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível» (Santos, 2007: 3–4). Originalmente, a localização da linha abissal, fronteira de mundos distintos, coincidiu historicamente com um território social específico: a zona colonial. De um lado, as sociedades metropolitanas, do outro, os territórios coloniais. Podemos

---

<sup>10</sup> Os filmes *Eusébio — A História de Uma Lenda*, de 2016, de Filipe Ascensão, e *Ruth*, de 2018, com argumento de Leonor Pinhão e realizado por António Pinhão Botelho, são disso exemplo.

também, como sugere Edgar Morin (2011: 9), numa cartografia relativa, localizar essa linha radical algures entre o norte e o sul, deslocando-a em conformidade com as dicotomias que lhes estejam associadas.

Por *rutura biográfica* entende-se a mudança de espaços, tempos e sociabilidades na vida de cada migrante, em resultado da sua mobilidade, implicando uma quebra na sequência de vida de cada pessoa e a sua consequente recomposição noutra lugar e noutra tempo. Assim, *rutura biográfica* equivale à ação de deixar um espaço de pertença, com as condições físicas, sociais e culturais que lhe estão implícitas, e a entrada num outro espaço que é estranho e que condiciona a afirmação de sujeito (Lechner, 2009: 91). Essa *rutura* é, em primeira instância, feita por referência ao espaço. O movimento de ultrapassagem de fronteiras implica que se deixe um espaço físico e simbólico de referências identitárias e se entre num outro espaço, que é desconhecido e por vezes hostil, obrigando inevitavelmente a uma adaptação a novos contextos, relações, estatutos e práticas. O tempo é outra variável relevante, desde logo, porque estabelece um antes e um depois do processo migratório, constituindo essa cronologia uma marca profunda na narrativa. Existindo uma *rutura biográfica* com o *antes e depois* da vinda *de lá para cá*, que em termos conceptuais até se traduz em distintas designações de *emigrantes* e *imigrantes*, não significa isso que não haja uma linearidade biográfica na vida de cada um dos migrantes. O passado representa as circunstâncias sobre as quais se alicerçaram as condições para migrar, o presente representa uma alternativa ao passado, e o futuro constitui uma incógnita entre permanência e o regresso.

A história de vida de Eusébio é assim marcada por sucessivas *ruturas biográficas* de quem passou ou ultrapassou linhas abissais, umas mais radicais que outras, vindo do lado de lá para se afirmar do lado de cá.

### ***Primeira rutura biográfica: do caniço à cidade de cimento***

Eusébio foi um herói desportivo inusitado. Nasceu em 1942, filho de uma família humilde, em Mafalala, num bairro pobre dos subúrbios de Lourenço Marques. No contexto de uma sociedade colonial, segregadora, seria de supor que a condição de africano negro não lhe permitisse grandes veleidades de emancipação. Como disse Eduardo Galeano, Eusébio

nasceu destinado a engraxar sapatos, vender amendoins ou roubar dos distraídos. Quando menino era chamado de Ninguém. Filho de mãe viúva, jogava futebol com seus muitos irmãos nos areais dos subúrbios, do amanhecer até à noite. Chegou aos gramados das canchas correndo como só pode correr alguém que foge da polícia ou da miséria que morde os calcanhares (2006: 139).

O contexto social em que Eusébio nasceu e cresceu foi o de uma cidade colonizada. Em conformidade com o sistema colonial, a estrutura urbana de Lourenço Marques assentava num princípio de discriminação essencial, edificada legalmente através da diferenciação entre «civilizados» e «indígenas» (Meneses, 2010: 70). Em 1951, a revogação do *Acto Colonial* traduziu-se simplesmente numa alternância terminológica das práticas sociais e políticas do colonialismo português, sendo negada a cidadania portuguesa à maioria da população a viver nas «províncias ultramarinas» (Castelo, 2007: 107). O *Estatuto dos Indígenas*, aprovado em 1954, dividia a população nativa em duas categorias: «indígenas» eram os autóctones das colónias, os quais se encontravam num estado primitivo, carente de uma ação civilizadora; «assimilados» eram todos aqueles que, sujeitos a essa ação, em teoria, adquiriam competências linguísticas, profissionais, económicas, comportamentais, religiosas e familiares, em conformidade com os padrões europeus, sendo-lhes administrativamente reconhecidos alguns direitos. O espaço urbano de Lourenço Marques, na sua quotidianidade, traduzia este sistema segregacionista, com o centro a ser ocupado pelos colonos e os subúrbios, predominantemente, pela população negra e mestiça. Esta distinção está patente nas palavras do futebolista Hilário<sup>11</sup>, quando, em entrevista, se refere à «baixa» por oposição ao «caniço», ou aos «mulatos de segunda», sem quaisquer privilégios, por relação aos «mulatos de primeira», que habitam a «cidade de cimento» (Domingos, 2013a). A segregação que caracterizava o espaço urbano de Lourenço Marques reproduzia-se na

---

<sup>11</sup> Tal como Eusébio, Hilário Rosário da Conceição foi um futebolista natural do bairro de Mafalala, que jogou no Sporting de Lourenço Marques, sendo posteriormente transferido para o Sporting Clube de Portugal. Foi 39 vezes internacional por Portugal, integrando a seleção presente no Campeonato do Mundo de 1966, em Inglaterra. Entre Hilário e Eusébio houve inúmeras afinidades, não apenas pela origem comum, mas também por um percurso profissional relativamente próximo.

organização das competições desportivas. O futebol dos subúrbios, disputado por clubes essencialmente constituídos por jogadores negros e mestiços, era organizado pela Associação Africana de Futebol (AAF). O futebol da «cidade de cimento», com clubes formados predominantemente por jogadores brancos, era organizado pela Associação de Futebol de Lourenço Marques (AFLM)<sup>12</sup>.

O espaço de socialização de Eusébio era o «caniço». Além dos jogos espontâneos de rua, teve como primeira equipa os Brasileiros Futebol Clube, um grupo informal de amigos que jogava contra outros clubes dos subúrbios. Aos 15 anos tentou ingressar na equipa de juniores do Desportivo de Lourenço Marques, filial moçambicana do SL Benfica, que participava nas competições organizadas pela AFLM. Foi negada a sua entrada na equipa, sendo, ao longo dos tempos, invocadas várias versões para a recusa: problemas num joelho; a sua estrutura franzina; a embirração do treinador com o jogador. Considerando a estrutura organizativa do futebol moçambicano, pode aventar-se a hipótese de que esses motivos não sejam mais do que eufemismos para a exclusão racial de um jogador proveniente dos subúrbios. Em alternativa, Eusébio foi contratado, algum tempo depois, pelo Sporting de Lourenço Marques, filial em Moçambique do Sporting CP, que pertencia igualmente à AFLM. Deste clube, Eusébio diria, muitos anos depois, que «era um clube de elite, um clube da polícia, que não gostava das pessoas de cor, era racista»<sup>13</sup>. Estas declarações, que causaram polémica na altura em que foram proferidas<sup>14</sup>, são complementadas por Hilário quando assinala que ele próprio foi o primeiro não-branco a jogar no Sporting: «... o Sporting era o clube que não aceitava nenhuma gente de cor. O Sporting era o clube dos polícias» (Domingos, 2013a: 10). Estas afirmações não causam estranheza quando referidas a um contexto em que os clubes desportivos reproduziam

<sup>12</sup> Situação que se manteve até 1959, quando a AAF foi extinta e alguns dos seus clubes integrados na AFLM.

<sup>13</sup> In *Revista Única*, edição *Expresso*, 12 de novembro de 2011.

<sup>14</sup> Estas declarações foram recebidas com grande indignação por parte dos adeptos sportinguistas, acusando Eusébio de pouca sobriedade e de estar a mentir. Braga Borges, antigo colega de Eusébio no Sporting de Lourenço Marques, contestou-o, dizendo que a prova da ausência de racismo era a presença de Eusébio, bem como de outros jogadores negros e indianos na equipa. In *Expresso*, em 30 de novembro de 2011 [disponível em <http://expresso.sapo.pt/actualidade/antigo-jogador-desmente-eusebio=f691384>, acedido em 14.07.2017].

a discriminação racial de uma cidade cujo quotidiano era determinado por um sistema de indigenato.

A contratação de Eusébio por parte do Sporting de LM significou o primeiro grande momento do seu inusitado percurso de herói desportivo. A assinatura desse contrato teve consequências imediatas na vida do jogador, desde logo, porque lhe foi atribuído um emprego de arquivista na baixa da cidade, auferindo 1200 escudos por mês. O facto de se deslocar com regularidade ao centro de cidade e de representar um clube da AFLM, além dos ganhos materiais implícitos, traduziu-se no facto de Eusébio transpor a linha abissal que separava o caniço da cidade dos colonos e que separava a sua condição de indígena da de assimilado. A partir de então, a vida de Eusébio altera-se substancialmente. A conquista do direito à entrada nesse espaço, que poderia ter sido de ostracização à sua condição, significou um momento importante pela rutura que representou na sua previsível narrativa biográfica.

Entre 1957 e dezembro de 1960, Eusébio jogou no Sporting de LM. Os dois primeiros anos como júnior e, na última época, já como sénior. Nesse período, o seu desempenho desportivo despertou o interesse dos clubes da metrópole. Sporting CP e SL Benfica foram aqueles que mais concorreram para a contratação do jogador, numa disputa acicatada pela ancestral rivalidade dos dois clubes de Lisboa<sup>15</sup>. Entretanto, o Benfica antecipou-se, oferecendo à mãe de Eusébio 250 contos para que autorizasse a transferência do filho para a metrópole, facto que se veio a concretizar no final de 1960.

### ***Segunda rutura biográfica: da colónia para a metrópole***

Eusébio não foi o primeiro a quem sucedeu a transcendência da ultrapassagem das linhas radicais que lhe permitiriam, num curto espaço de tempo, passar dos segregados subúrbios para a capital do império, com uma passagem pela «cidade de cimento». Ainda na década de 1940, Mário Wilson vai jogar para o Desportivo de LM e, em 1949, é transferido para Lisboa, para jogar no Sporting CP. Sebastião Lucas, mais conhecido por Matateu, foi contratado pelo GD 1.º de Maio, clube da AFLM, e transferido

---

<sup>15</sup> Outros clubes tentaram entrar na corrida pelo jogador, nomeadamente, Os Belenenses e os brasileiros do São Paulo FC.

para Os Belenenses, em 1951. O mesmo percurso fez o seu irmão Vicente, que ingressou n'Os Belenenses em 1954. Mário Coluna, depois de uma passagem pelo Desportivo LM, foi contratado pelo Benfica em 1954. Hilário, contratado pelo Sporting LM, foi, em 1958, transferido para o Sporting CP. Estes são os nomes mais significativos de jogadores que seguiram esta trajetória, havendo outros que também fizeram essa transição, mas que permaneceram discretos em virtude das respetivas carreiras desportivas. Importa referir que alguns destes jogadores, passado pouco tempo de estarem em Portugal, foram chamados a representar a Seleção Portuguesa de Futebol em jogos internacionais, sendo conseqüentemente sujeitos a um processo de naturalização<sup>16</sup>. Todas estas trajetórias das periferias das cidades coloniais para a metrópole podem ser interpretadas, num primeiro momento, como um processo resultante da intensificação da competitividade desportiva, mas, na essência, esta «exportação de talento futebolístico indígena para consumo no mercado do futebol português [...] é um exemplo inequívoco do modo de funcionamento imperialista do futebol nos territórios africanos de Portugal» (Darby, 2006: 427).

O recrutamento de jogadores das colónias africanas não constitui, contudo, uma originalidade portuguesa. Foi um processo iniciado por clubes britânicos, quando, nos primeiros anos do século xx, procederam à contratação de jogadores naturais de espaços da Commonwealth. No entanto, a sua expressão sempre foi reduzida e limitada a jogadores de origem britânica, não existindo qualquer referência a jogadores negros provenientes das colónias africanas (Lanfranchi e Taylor, 2001: 48). Na década de 1930, a França inicia o recrutamento de jogadores africanos, em particular, provenientes das colónias magrebina. Um dos primeiros e mais emblemáticos desses jogadores foi o marroquino Larbi Ben M'Barek, o «pérola negra», que chegou ao Olympic de Marselha em 1938, e que, cinco meses depois, integrava a Seleção Nacional Francesa. Até à década de 1950 foram muitos os jogadores marroquinos e argelinos<sup>17</sup> a chegar ao futebol francês,

<sup>16</sup> Matateu foi internacional por Portugal em 27 jogos; Vicente, em 20 ocasiões; Coluna foi internacional 57 vezes; Hilário, 40; Eusébio, 64. Mário Wilson nunca jogou pela Seleção Portuguesa, mas, entre 1978 e 1980, foi selecionador nacional.

<sup>17</sup> Os jogadores mais importantes provenientes de Marrocos foram Zatelli, Janin, Fontaine e os irmãos Mahjoub; enquanto, vindos da Argélia, identificam-se Boubekeur, Zitouni, Arribi, Ben Tifour e Mekhloufi.

sendo que os melhores se tornaram internacionais pela seleção gaulesa<sup>18</sup>. Antes da Segunda Guerra Mundial, os jogadores da África Subsariana eram raros em França, sendo essencialmente na década de 50 que se intensifica a chegada de jogadores provenientes da África Ocidental. Destacou-se o senegalês Raoul Diagne na década de 1930, mas a sua chegada não esteve relacionada com futebol. Para a Bélgica, os jogadores africanos provêm essencialmente do Congo, no início da década de 1960<sup>19</sup>, num processo que foi rapidamente interrompido pela independência da colónia africana e por uma nova perspectiva sobre os jogadores africanos (Poli, 2006: 395). Com o sucessivo processo de descolonização, os jovens países independentes africanos interditam a migração dos seus jogadores para clubes europeus, não apenas como forma de afirmarem a sua independência, mas também como tentativa de evitar a espoliação dos respetivos recursos humanos por parte das seleções europeias, uma situação que se verificaria de forma significativa em Moçambique (Darby, 2006: 422).

Eusébio chegou a Lisboa a 15 de dezembro de 1960. De forma a não ser intercetado por elementos do Sporting CP, viajou sigilosamente sob o nome falso de Ruth Malosso. Tinha quase 19 anos e a inocência dos que vinham do lado de lá da brutal linha abissal do colonialismo. A primeira impressão foi de frio, o que era natural para quem saiu de Lourenço Marques e chegou a Lisboa numa noite de dezembro. Trazia uma carta da mãe dirigida a Mário Coluna<sup>20</sup>, onde se lhe pedia que tomasse conta de Eusébio. À sua espera estavam dirigentes do Benfica e um jornalista do jornal *A Bola*. A partir desse momento, o futebol português nunca mais seria o mesmo.

Os primeiros tempos de Eusébio em Portugal foram bastante atribulados. O SL Benfica não queria que o jogador fosse contactado por elementos do

<sup>18</sup> Há um episódio particular a envolver estes jogadores: Rachid Mekhloufi, jogador do Saint-Étienne e da Seleção Nacional Francesa, em 1958, dois meses antes do início do campeonato do mundo na Suécia, para o qual seria convocado, abandonou a França e o seu clube e, juntamente com 31 colegas magrebinos, refugiou-se em Tunes, constituindo a «seleção» da Frente de Libertação Nacional, com a qual fizeram uma digressão internacional a favor da causa argelina.

<sup>19</sup> Kialunda, Bonga Bonga, Kimoni, Kasongo e Assaka foram os mais conhecidos desses jogadores.

<sup>20</sup> Mário Coluna, então jogador do Benfica e um dos capitães de equipa, era também natural do bairro de Mafalala e conhecido da família de Eusébio.

Sporting CP e, por isso, evitava que aparecesse em público, chegando a mantê-lo escondido num hotel durante 12 dias. Nesse período, o jogador concluiu a 4.<sup>a</sup> classe, condição para que pudesse jogar pelo SL Benfica. E ainda teve de esperar para que o seu novo clube indenizasse o Sporting de LM em 400 contos.

Em 23 de maio de 1961, Eusébio fazia o primeiro jogo pelo Benfica e, em 8 de outubro desse mesmo ano, estreava-se pela Seleção Nacional. Começava a lenda. Ao longo da sua carreira futebolística, Eusébio ganharia 11 campeonatos nacionais, cinco Taças de Portugal, uma Taça dos Campeões Europeus e um campeonato americano. Foi uma vez Bola de Ouro (melhor jogador europeu do ano) e duas vezes «vice» Bola de Ouro. Ganhou duas botas de ouro, troféu atribuído ao melhor marcador dos campeonatos na Europa, e sete botas de prata, por ser o melhor marcador do campeonato nacional. Foi três vezes o melhor marcador da Taça dos Campeões Europeus. Foi o melhor marcador do Campeonato do Mundo de 1966 e considerado, nessa prova, o terceiro melhor jogador. Coincidência ou não, o auge da carreira de Eusébio foi coincidente com a primeira época dourada do futebol português (Coelho e Pinheiro, 2002)<sup>21</sup>.

Ganhou o epíteto de *Pantera Negra* na sua segunda internacionalização com a Seleção Portuguesa. Foi num jogo da fase de apuramento para o Mundial de 1962, contra a Inglaterra, em que, apesar da derrota por 0–2, Eusébio fez uma exibição que levou o jornalista inglês Desmond Hackett, do *Daily Express*, a chamá-lo «Pantera Negra». O nome pegou em Portugal. Eusébio nunca gostou muito que lhe chamassem isso, porque essa era a designação de um grupo criminoso que atuava nos EUA. Gostava mais que lhe chamassem *King*.

---

<sup>21</sup> A década de 1960 foi marcada pelos primeiros triunfos internacionais do futebol português. Primeiro, foi o SL Benfica, com a conquista consecutiva de duas Taças dos Campeões Europeus (1960/61 e 1961/62) e mais três presenças na final (1962/63, 1964/65 e 1967/68). Depois, seguiu-se a vitória do Sporting CP na Taça dos Clubes Vencedores das Taças (1963/64). Em 1966, aconteceu a consagração do futebol português com o terceiro lugar na fase final do Campeonato do Mundo, realizado em Inglaterra. Segundo João Coelho e Francisco Pinheiro (2002), este período dourado resultou de um conjunto de circunstâncias que ocorreram no futebol português na década de 1950, nomeadamente: a profissionalização dos jogadores; a melhoria das infraestruturas desportivas; a contratação de treinadores estrangeiros com novas metodologias de treino.



Na fase final do Campeonato do Mundo de 1966, Eusébio alcançou o lugar mais alto da sua carreira desportiva ao concentrar em si a atenção internacional. Eusébio sagrou-se o melhor marcador, com nove golos. Pelo meio, guiou Portugal até à sua melhor classificação de sempre em Mundiais: um terceiro lugar. Além da Bulgária e da Hungria, Portugal, na primeira fase, afastou o favorito Brasil, de Pelé. Nos quartos de final, Eusébio liderou uma recuperação improvável (de 0-3 para 5-3) diante da Coreia do Norte. A equipa nacional só caiu nas meias-finais, diante da Inglaterra<sup>22</sup>. Desse jogo resulta uma das mais icónicas fotografias de Portugal<sup>23</sup>: Eusébio abandona o campo a chorar. A sequência fotográfica mostra-o a secar as lágrimas na camisola da seleção, a qual tem o escudo nacional estampado. Essas lágrimas foram interpretadas como lágrimas por Portugal, lágrimas de Portugal, lágrimas simbólicas que tinham tanto mais valor na medida em que eram vertidas por um moçambicano.

No Portugal da década de 1960, os africanos negros rareavam na sociedade portuguesa. A reprodução das suas imagens acontecia através de fotografias etnográficas, realçando-se a expressão exótica, ou então ridicularizados em imagens de jornais, na publicidade e nas anedotas. Com a guerra colonial, o africano negro ganha outra dimensão, a do «turra», significando «inimigo» (Henriques, 2011: 71). Foi nesse contexto que Eusébio chegou a Portugal e se impôs como o mais importante jogador do SL Benfica e da Seleção Nacional, e uma das mais relevantes figuras do país. Além do protagonismo que o jornalismo desportivo lhe atribuía, muito contribuiu para o mediatismo do jogador a atenção que outros meios de comunicação social lhe dedicavam. Em particular, a revista *Flama* irá fazer uma cobertura intensa dos vários momentos da sua vida privada. Assim, os desempenhos futebolísticos de Eusébio vão sendo intercalados com a cobertura jornalística de diversos episódios da vida do jogador, nomeadamente, o seu ingresso no serviço militar obrigatório, em 1963; o casamento, em 1965, com Flora; a atribuição da medalha de prata da Ordem do Infante D. Henrique, em 1966; ou o nascimento da primeira filha, em 1968. Como diz Nuno Domingos, todos estes elementos jornalísticos

---

<sup>22</sup> Portugal ainda viria a conquistar o terceiro lugar da prova (batendo a URSS) e Eusébio seria consagrado como uma das suas maiores figuras.

<sup>23</sup> Fotografia de Nuno Ferrari [disponível em [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/01/05/album/1388926725\\_524155.html#foto\\_gal\\_3](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/01/05/album/1388926725_524155.html#foto_gal_3), acedido em 10.10.2018].

contribuíam para a construção quase perfeita da biografia de um indivíduo assimilado, preocupado com o trabalho e com a família e plenamente integrado no Portugal de Salazar, um jovem de origens desfavorecidas que, apesar da sua notoriedade, continuava a perceber o seu lugar social (2013b: 28).

Eusébio constituía-se assim como o melhor exemplo do argumento luso-tropicalista que sustentava ideologicamente a política colonial portuguesa. Teoria desenvolvida pelo sociólogo brasileiro Gilberto Freyre sobre a relação de Portugal com os trópicos, de forma sumária, podemos dizer que postula a especial capacidade de adaptação dos portugueses aos trópicos, não por interesse político ou económico, mas por empatia inata e criadora. A aptidão do português para se relacionar com as terras e as gentes tropicais, a sua plasticidade intrínseca, resultaria da sua própria origem étnica híbrida, do longo contacto com mouros e judeus na Península Ibérica, nos primeiros séculos da nacionalidade, e manifestava-se sobretudo através da miscigenação e da interpenetração de culturas.

O Estado Novo, que sempre fora avesso aos fenómenos de massas, em particular ao desportivo, confronta-se com uma realidade da qual pode tirar partido. Não que haja uma indicação precisa ou uma estratégia deliberada para rentabilizar Eusébio e todos os jogadores africanos que se destacavam no futebol nacional, mas aproveitando o invulgar carácter mediático e a notoriedade de um negro em Portugal para mostrar que o país não era aquele que as denúncias internacionais da guerra colonial invocavam. A mobilidade social de que estes jogadores usufruíam, bem como a suposta harmonia racial que aqui estava implícita constituíam uma oportunidade única para um regime como o português (Cleveland, 2013: 18).

### ***Terceira rutura biográfica: de Portugal para as Américas***

No auge da glória, começaram a surgir os convites para Eusébio ir jogar no estrangeiro. A Juventus de Turim ofereceu-lhe 16 mil contos, em 1964, numa altura em que ganhava 300 contos no Benfica. A tentação era grande, mas a transferência terá sido gorada por uma intervenção de Salazar. Eusébio justifica a decisão, dizendo:

Acho que ele gostava do país, e gostava tanto que não me deixava ir, porque pensava que eu era importante para o país<sup>24</sup>.

A forma como Salazar concebia Eusébio já tinha sido verbalizada anos antes. Em 1962, numa receção à equipa do SL Benfica, Salazar referiu-se a Eusébio como «património nacional». Um tesouro nacional tão valioso, não apenas pelo futebol que produzia, mas essencialmente pelo que simbolicamente representava, não tinha preço e, por isso, Eusébio permaneceu em Portugal.

Seguiu-se a investida do Inter de Milão, de Angelo Moratti. «Ofereceu-nos como prenda relógios em ouro branco, lindíssimos»<sup>25</sup>, revelaria Eusébio, a propósito das conversas que manteve com o dirigente, ao lado da sua mulher, Flora, em Itália, onde passou a lua de mel. Tudo acontecia ainda antes do Mundial de 1966 e a transferência seria efetuada depois do evento. O Benfica receberia 90 mil contos, o casal já tinha escolhido residência junto ao Lago de Como. Desta vez, Salazar não precisou de intervir. Na sequência da paupérrima prestação da Itália no Mundial, a federação italiana decidiu impedir os clubes transalpinos de contratar estrangeiros. Eusébio permaneceu assim, mais uma vez, no SL Benfica.

Numa fase em que a carreira de Eusébio estava em declínio, em 1973, o jogador foi homenageado num pretense jogo de despedida. Contudo, o último jogo de Eusébio pelo clube encarnado só ocorreria dois anos depois, em 1975. Nesse ano, rumaria à North American Soccer League (NASL) com o objetivo de ainda ganhar algum dinheiro no final da carreira. Esta terá sido uma rutura pacífica, sem dramatismos. O jogador já não servia os interesses desportivos do SL Benfica<sup>26</sup>, contudo, o seu estatuto de estrela do futebol internacional e a experiência futebolista que tinha serviam perfeitamente os interesses da recente liga norte-americana de futebol, indo, simultaneamente, ao encontro dos interesses do jogador de assinar um contrato generoso em final de carreira.

---

<sup>24</sup> *Revista Única* do jornal *Expresso*, de 12 de novembro de 2011.

<sup>25</sup> *Jornal Record*, 6 de janeiro de 2014 [disponível em <https://www.record.pt/futebol/futebol-nacional/liga-nos/benfica/detalhe/salazar-e-italia-fecharam-as-portas-861427>, acedido em 10.10.2018].

<sup>26</sup> Na sua última época ao serviço do SL Benfica, participou em 13 jogos e marcou apenas dois golos.

A NASL tinha sido fundada em 1968. Esta liga, formada por clubes dos Estados Unidos e do Canadá, procurou seguir uma estratégia empresarial em que os clubes funcionavam como «veículo» publicitário para cativar os milhões de imigrantes provenientes de países onde o *soccer* era o desporto-rei. Os clubes, através de sistemas de *franchising*, podiam fundir-se entre si e, como não estavam forçosamente vinculados a um local, podiam deslocar-se para outras cidades. O modelo de organização da competição era também substancialmente distinto, tendo sido sujeito a um processo de americanização, de forma a ficar conforme com os modelos competitivos de outras modalidades desportivas. Assim, o torneio era organizado num sistema de várias ligas, que posteriormente dava origem a um *play-off*, e o campeão nacional era encontrado através de um jogo final. Registavam-se algumas especificidades nas regras, mas mantendo a integridade da expressão universal do futebol. O sistema de contratação de jogadores era, no entanto, algo peculiar, com os clubes a celebrar contratos de curta duração, favorecendo a mobilidade dos atletas. Em alguns casos, os jogadores vindos da Europa nem sequer se desvinculavam dos clubes a que pertenciam. Aproveitavam o período de férias dos campeonatos nacionais europeus, iam durante um mês ou dois fazer alguns jogos, ganhando bastante dinheiro. A constituição das equipas era, por norma, bastante heterogénea, com jogadores norte-americanos tecnicamente pouco evoluídos, jogadores europeus e sul-americanos com carreiras frustradas nos respetivos países, e jogadores veteranos com o estatuto de estrelas da modalidade (Lanfranchi e Taylor, 2001: 154; Van Rheenen, 2009).

Eusébio não foi o único que rumou à América do Norte. Com ele foi também António Simões, o seu «irmão branco», e muitos outros jogadores que, em Portugal, estavam em situação idêntica de final de carreira futebolística, seduzidos pelos dólares norte-americanos. Eusébio juntou-se assim a uma constelação de estrelas do futebol mundial: Pelé, Johan Cruiff, Beckenbauer, Muller, George Best, Grame Souness, Cubillas, Carlos Alberto. Eusébio, juntamente com Simões, Manaca, Jorge Calado e Fernando Néilson foram para os Boston Minutemen, numa cidade onde havia uma significativa comunidade de portugueses.

A experiência do *soccer* foi muito bonita. Eles tinham uma lei fantástica: os grandes jogadores não podiam jogar na mesma equipa. Eu era para ter ido para a mesma equipa do Pelé, o Cosmos [de Nova Iorque], mas fui para Boston. Com o mesmo contrato, claro. A ganhar muito bem. Tinha casa, motorista, que dispensei, porque gostava de guiar. Até nos davam guarda-costas. O Pelé tinha dois! «Porque é que tu queres guarda-costas?», perguntava-lhe eu. O Pelé, às vezes, é vaidoso<sup>27</sup>.

O sucesso de Eusébio na América aconteceria no ano de 1976, quando se sagrou campeão da NASL pelos canadianos dos Toronto Metro-Croacia. Eusébio foi um dos jogadores que mais se destacou, tendo marcado 13 golos. Antes, esteve no México, onde jogou no CF Monterrey. Representou ainda os clubes de Las Vegas Quicksilvers e os New Jersey Americans, contudo, as mazelas de antigas lesões não lhe permitiram ter grande protagonismo. Nos intervalos da competição, Eusébio regressava a Portugal e estabelecia contratos pontuais com o Beira-Mar e o União de Tomar, da segunda Divisão. Ficou célebre um episódio em que, num jogo entre o Beira-Mar e o Benfica, Eusébio foi chamado a cobrar um livre contra a sua antiga equipa e recusou-se a fazê-lo pelo afeto que tinha pelo clube. Ainda regressou aos EUA para terminar a carreira na liga *indoor* pelos Buffalo Stallions. Os joelhos já não lhe permitiam qualquer veleidade e assim terminou a carreira aos 38 anos.

Quando um futebolista deixa de jogar, morre. Pode ressuscitar sob qualquer outra forma, mas já não é futebolista. Pode ser treinador, empresário, agente de jogadores, comentador desportivo, ou simplesmente viver dos rendimentos. Mas já não é futebolista. Eusébio morreu simbolicamente em 1980, quando arrumou as chuteiras, e morreria fisicamente em 2013. Entretanto, manteve-se sempre ligado ao SL Benfica e à Seleção Nacional, como se de uma reserva moral se tratasse.

## **Apreciações finais**

Eusébio é sinónimo de si mesmo. Um jogador excepcional, dos melhores da história do futebol, alcunhado de «Pantera Negra», não apenas porque

---

<sup>27</sup> Revista *Única* do jornal *Expresso*, de 12 de novembro de 2011.

era rápido e forte, mas porque era um africano negro, proveniente do outro lado da linha abissal do colonialismo. Um jogador excepcional, convertido em «património do Estado», não apenas porque o defende simbolicamente nos encontros internacionais, mas essencialmente porque isso serve de argumento para justificar a conceção luso-tropicalista da sua ação colonial. Um jogador excepcional, não apenas porque com os seus golos é responsável pela felicidade do povo, mas porque se converteu no símbolo maior do futebol, um dos três «efes» que compunham a trilogia alienante do Estado Novo<sup>28</sup>. Estas circunstâncias tornam a história de vida de Eusébio da Silva Ferreira incomparável a qualquer outra, desde logo porque, como disse Eduardo Lourenço: «Antes de estarem isolados pelo génio, cada um está isolado pelo seu tempo» (1999: 91). O tempo de Eusébio foi o do colonialismo tardio, da guerra colonial, do Estado Novo, da Primavera Marcelista, de uma sociedade encerrada sobre si própria. Porque «as histórias singulares não se reduzem a mundos íntimos exclusivos e isolados do contexto social, [...] são sempre retratos mais vastos, partilhados» (Lechner, 2009: 102), a história de vida de Eusébio, para lá das sucessivas ruturas biográficas resultantes da transposição de linhas abissais, é também a história recente da sociedade portuguesa.

Eusébio sempre se constituiu como uma personalidade simples. Assumiu pessoalmente essa simplicidade e nunca se quis imiscuir em questões que estivessem para lá do futebol. «A minha política sempre foi e será a bola», diria em entrevista<sup>29</sup>. Por virtude dessa posição, foi sendo interpretado como uma personalidade plana, modesta, sem complexidade, que não aquela que lhe foi conferida pelo mundo do futebol. Contudo, essa aparente simplicidade biográfica não é compatível com o estatuto de *king*, sendo a sua narrativa marcada por profundas ruturas resultantes da transposição de fronteiras sociais, políticas, culturais e económicas. Ruturas que, ao ocorrerem na narrativa biográfica de Eusébio, ou na história de vida de qualquer outro sujeito anónimo, banal e modesto, criam a complexidade de personagens históricos implicados em processos migratórios.

Essas ruturas, paradoxalmente, permitem uma linearidade que conduz à formação da personalidade desportiva e social em que Eusébio se converteu,

<sup>28</sup> Os outros dois «efes» correspondem a Fado e Fátima.

<sup>29</sup> *Revista Única* do jornal *Expresso*, de 12 de novembro de 2011.

havendo como que uma sedimentação dos diversos momentos biográficos que permitem a transposição das linhas abissais seguintes. O passado e o presente, juntos, tornam possível o futuro. As três ruturas biográficas aqui assinaladas são, na sua linearidade, a ascensão e queda de um herói desportivo nacional.

Neste texto não se pretendeu contar a história de vida de Eusébio. Pretendeu-se apenas fazer coincidir a narrativa de uma vida individual com a narrativa de uma sociedade e certas dinâmicas sociais. Talvez se encontre nessa sobreposição a justificação para a persistência da imagem de Eusébio na sociedade portuguesa. Afinal, estamos a referir-nos a uma personalidade que foi confiscada pelo poder político, convertida em «património de Estado». Este processo não terminou com a sua morte, pois a trasladação dos seus restos mortais para o Panteão Nacional é a continuação da patrimonialização do jogador. Pretendeu-se também aqui demonstrar que a vida de uma personalidade mediática, convertida em *pop star* da cultura de massas, também é relevante em termos das narrativas biográficas. Apesar da repetição exaustiva dos episódios da sua vida, nos interstícios desses episódios encontram-se as ruturas biográficas de um inusitado futebolista migrante que fintou linhas abissais.

## Referências bibliográficas

- Castelo, Cláudia (2007), *Passagem para África. O povoamento de Angola e Moçambique com naturais da Metrópole (1920–1974)*. Porto: Edições Afrontamento.
- Cleveland, Todd (2013), «Following the ball: African soccer players, labor strategies and emigration across the Portuguese colonial empire, 1949–1975», *Cadernos de Estudos Africanos*, 26, 15–41.
- Coelho, João; Pinheiro, Francisco (2002), *A paixão do povo. História do futebol em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento.
- Darby, Paul (2006), «Migração para Portugal de jogadores de futebol africanos: recurso colonial e neocolonial», *Análise Social*, 41(179), 417–433.
- Domingos, Nuno (2012), «Futebol como cultura popular no período tardo-colonial em Lourenço Marques», in Cláudia Castelo et al. (orgs.), *Os outros da colonização. Ensaio sobre o colonialismo tardio em Moçambique*. Lisboa: ICS, 233–250.
- Domingos, Nuno (2013a), «“Dos subúrbios de Lourenço Marques colonial aos campos de futebol da metrópole”, uma entrevista com Hilário Rosário da Conceição», *Cadernos de Estudos Africanos*, 26, disponível em <http://journals.openedition.org/cea/1169>, acedido em 13.09.2017.
- Domingos, Nuno (2013b), «O lugar de Eusébio no Estado Novo», *Público*, 21 de agosto, 28–29.
- Galeano, Eduardo (2006), *Futebol: sol e sombra*. Viana do Castelo: Livros de Areia Editores.
- Henriques, Isabel Castro (2011), *Os africanos em Portugal. História e memória — séculos xv-xxi*. Lisboa: Comité Português do Projecto Unesco «A Rota do Escravo».
- Lanfranchi, Pierre; Taylor, Matthew (2001), *Moving with the ball. The migration of professional footballers*. Oxford: Berg.
- Lechner, Elsa (2009), «Diálogos de vida: a abordagem biográfica no estudo da migração», in Elsa Lechner (org.), *Histórias de vida: olhares interdisciplinares*. Porto: Edições Afrontamento, 91–103.
- Lourenço, Eduardo (1999), «Incomparáveis ou a tristeza de Eusébio», *Visão*, 21 de janeiro.
- Maguire, Joseph; Pearton, Robert (2000), «Global sport and the migration patterns of France’98 World Cup finals players: some preliminary observations», *Soccer & Society*, 1(1), 175–189.
- Maradona (2016), *A mão de Deus. A minha verdade*. Amadora: Vogais.
- Meneses, Maria Paula (2010), «O “indígena” africano e o colono “europeu”: a construção da diferença por processos legais», *e-cadernos CES*, 7, 68-93. DOI: 10.4000/eces.403
- Morin, Edgar (2011), «Para um pensamento do Sul», in Álvaro Salmito; Cláudia Fadel; Marta Irving (orgs.), *Para um Pensamento do Sul. Diálogos com Edgar Morin*. Rio de Janeiro: Serviço Social de Comércio, 9–21.
- Nolasco, Carlos (2013), *Fintar fronteiras. Migrações internacionais no futebol português*. Tese de Doutoramento em Sociologia apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Coimbra: FEUC.
- Osório, António (2000), «A magia do futebol», *Ler*, 48, 30–37.
- Pelé (2006), *Pelé, a autobiografia*. Rio de Janeiro: Sextante.



- Poli, Raffaele (2006), «Africans' status in the European football players' labour market», *Soccer & Society*, 2(2), 278–291.
- Reis, Carlos (2013), «The special one. Fenomenologia do herói desportivo», *Comunicação & Educação*, 18(2), 63–74.
- Santos, Ana (2004), «Eusébio, o processo de construção de um ícone da nação», *Manifesto*, 6, 8–91.
- Santos, Boaventura de Sousa (2007), «Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 78, 3–46.
- Van Rheenen, Derek (2009), «The promise of soccer in America: the open play of ethnic subcultures», *Soccer & Society*, 10(6), 781–794.